

## A importância da construção de sentido no processo tradutório

---

letrônica

---

Alessandra da Silveira Bez<sup>\*</sup>  
Leci Borges Barbisan<sup>\*\*</sup>

### 1 Introdução

O presente artigo tem como objetivo fazer um estudo do processo tradutório e seu funcionamento na perspectiva da polifonia dos enunciados elaborada por Oswald Ducrot. Acredita-se que esse trabalho ajudará o tradutor a entender que um texto apresenta várias vozes e que sua tarefa é perceber esse texto e traduzi-lo apropriadamente. Além disso, também poderá colaborar com o lingüista que estuda a Teoria da Argumentação na Língua, pois se pode aplicar a polifonia em qualquer tipo de texto.

A arte de traduzir traz consigo o árduo e belo ofício do tradutor de transformar enunciados enigmáticos para o leitor na língua fonte em enunciados claros na língua alvo para promover a compreensão do seu leitor. Entretanto, esse escultor da linguagem é visto, às vezes, como traidor, pois altera o texto do autor sem seu “consentimento.” Frequentemente, a comunidade leiga e alguns teóricos renomados afirmam que traduzir é um ato de transferência ou substituição de palavras de um idioma a outro, ocorrendo, dessa forma, a tão almejada univocidade de sentido. A tradução, ao ser percebida como única e fiel, pressupõe que a língua é transparente e que o tradutor anula-se para se tornar apenas um “reprodutor” da idéia do autor.

Nota-se, então, que a tradução encontra obstáculos lingüísticos e culturais e cabe ao tradutor contorná-los adequadamente. Essas barreiras existem porque as línguas, quando postas em uso, implicam aquele que diz e aquele a quem o locutor se dirige. Assim, a reprodução fiel do texto-fonte no texto traduzido é uma idealização que não pode ser alcançada, pois a língua não possui um caráter unívoco, mas polifônico, sendo “o sentido do enunciado o resultado das diferentes vozes que ali aparecem” (DUCROT, 1988, p.16).

---

<sup>\*</sup> Aluna e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bolsista integral CNPq

<sup>\*\*</sup> Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Este trabalho recorre à Teoria da Argumentação na Língua (TAL) presente em *Polifonia y Argumentación* (1988) e *O dizer e o dito* (1984/1987), de Oswald Ducrot e tem como objetivo fazer uma breve discussão sobre como ocorre a polifonia no ato tradutório. Ducrot afirma que argumentar é produzir sentido, por isso as palavras orientam para determinada direção, possuindo um valor argumentativo. Essa argumentação tem um eu falando para um tu, ou seja, a subjetividade interagindo com a intersubjetividade, gerando um ponto de vista. Baseando-se no estudo desse lingüista francês, pergunta-se: Como a polifonia é percebida (ou não) pelo tradutor e como essa (falta de) percepção afeta o sentido?

Primeiramente, o estudo traz duas teorias tradutórias que abordam o papel do tradutor em momentos distintos: o contexto europeu, em que esse escultor de palavras era visto como um manipulador textual, e o contexto brasileiro, em que ele abandona a função de imitador, transformando a língua, e mostrando sua subjetividade através da argumentação.

Após, ilustra-se a polifonia e a argumentação, noções abordadas pelo lingüista francês. Para exemplificar, apresenta-se uma análise a partir do livro de John Langshaw Austin *How to do things with words*, a sua respectiva tradução oficial *Quando dizer é fazer – Palavras e Ação* do professor Danilo Marcondes de Souza Filho e traduções oriundas de profissionais da Região Metropolitana. Em seguida, um quadro de enunciados será apresentado para a realização da análise à luz da polifonia, e após, os resultados e perspectivas desse trabalho repleto de vozes, enunciadores, subjetividades.

## **2 Perspectiva teórica**

### **2.1 Teorias sobre os processos tradutórios no contexto europeu**

Conforme Borba (2000), a noção de que as traduções geralmente apresentam características típicas das forças em uma determinada sociedade foi sugerido primeiramente no colóquio inovador *Literature and Translation*. Esse colóquio buscava mostrar os estudos descritivos das traduções elaborados por Toury. O modelo de Toury considera a tradução como um polisistema literário qualquer. A partir disso, esse estudioso define as traduções como uma análise final do produto, que é o próprio texto produzido. Percebe-se, então, como o processo não é considerado, desfavorecendo as significações postas pelo tradutor. Ao considerar a tradução como uma descrição, essa se restringe às relações lingüísticas. Para Borba, é necessário estudar os momentos históricos e sociais em que essas traduções foram escritas, a fim de gerar um texto significativamente diferente do texto fonte.

Nota-se que essa idéia de tradução advém da Roma Antiga, onde tradutores eram imitadores. Essa imitação consistia em reescrever o texto livremente, adaptando-o às expectativas da comunidade alvo. A eficiência do tradutor estava na sua habilidade de imitar.

Imitar era retirar trechos considerados opostos aos valores da época, e adicionar informações, como fez Cícero. Após esse período, a manipulação textual é representada pelos tradutores medievais.

Os tradutores medievais manipulavam textos por meio de intervenções. Esse tradutor denominava-se transparente à medida que promovia ideologias, mas elas eram definidas pelas expectativas do público leitor. A tradução atendia os valores sociais predominantes na Europa Medieval Ocidental.

Outro tipo de manipulação que ocorria muito nessa época era a adaptação. Essa maneira de lidar com o texto aconteceu nos séculos XVII e XVIII na França. Os estudantes franceses inseriam ou retiravam informações com o objetivo de embelezar textos estrangeiros, e fazê-los mais naturais, ao estilo francófono. O problema na prática dessa forma de tradução é que a literatura francesa, ao impor suas maneiras do bem escrever, automaticamente considerava que outros sistemas, outras línguas, possuíam uma literatura desinteressante.

As adaptações também ocorriam com grande frequência na mídia, como no cinema, televisão, cartoons, CD-ROMs. Elas também eram bem-vindas em materiais direcionados para crianças, mas com razões de aceitação diferentes.

Outro exemplo de manipulação textual envolve o estudo de Gruber sobre o tradutor e a questão da autoria. Esse estudo afirmou que a apropriação textual por meio da tradução ocorreu durante o período formador do romantismo espanhol. Seus exemplos explicam que a apropriação textual e os objetivos da língua alvo podem resultar em uma escrita original. No período entre 1834 e 1844, o Romantismo desenvolvido na Espanha era feito por tradutores. Essas traduções não tinham muita qualidade, pois elas eram baseadas em fontes desatualizadas, considerando o continente europeu. A maioria dos textos tinha influência do sistema francês, e por isso os espanhóis os valorizavam tanto. Mas mesmo essas fontes possuíam deficiências.

Percebeu-se que os tradutores espanhóis tinham uma relação estreita com o público, e sabiam com muita precisão suas preferências e começaram a modificar peças para garantir sucesso. As alterações foram tantas que os tradutores lançaram seus trabalhos originais como a “tradição romântica espanhola”. Essa prática originou gêneros populares, como a novela. O resultado era um trabalho de propriedade legítima do autor espanhol.

Outro tipo de tradução definida como manipuladora textual era a tradução feminista e sua enorme força para marcar a não-transparência do tradutor. As traduções feministas promoviam as ideologias propositadamente, enquanto os tradutores medievais não eram conscientes dessas ideologias. A manipulação das traduções feministas ocorria da seguinte forma: as mulheres tradutoras viam os textos fonte a partir de uma perspectiva feminista,

intervindo e fazendo mudanças quando o texto não atingia essa perspectiva. Essas intervenções incluíam decisões de traduzir o que elas consideravam textos chauvinistas e machistas, subvertendo as suas ideologias. Nota-se, então, que esse tipo de manipulação é marcado por uma subversão ideológica.

Acreditar em tradução ideal ou espelho do original é fantasia. As traduções são criadas em um novo ambiente e as expectativas que esse ambiente carrega mostra como o texto traduzido deve ser, formando diferentes sentidos, provando que a tradução não é atividade inocente, já que é repleta de argumentos. Assim, os tradutores brasileiros contrariam o modelo europeu de traduzir e afirmam que traduzir não é substituir ou transferir, mas é construir sentidos, transformar a língua, como se vê na perspectiva teórica a seguir.

### **2 1 1 Teorias sobre os processos tradutórios no contexto brasileiro**

Rosemary Arrojo, em seu livro *Oficina de Tradução – A teoria na prática*, tenta desmistificar o processo de tradução como transferência ou substituição, idéia tão presente entre os tradutores europeus e brasileiros. J. C. Catford é um dos teóricos mais conhecidos e divulgados no Brasil, e para ele a tradução é “a substituição do material textual de uma língua pelo material textual equivalente em outra língua” (Apud Arrojo, p.12). Outro teórico europeu reconhecido pelos tradutores brasileiros é Eugene Nida que afirma que algumas palavras trazem consigo conceitos diversos e outras têm que se agrupar para conter apenas um. Assim, nota-se que o fundamental no processo de tradução é que todos os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser entendidos pelos receptores.

Ao conceber-se a idéia de que o processo de tradução é um transporte de sentidos entre língua A e língua B, acredita-se ser o texto original um objeto estável, “transportável”, de contornos absolutamente claros, cujo conteúdo pode ser classificado completa e objetivamente. Essa visão tradicional e equivocada é defendida por muitos tradutores, e tem três princípios básicos:

- 1) a tradução deve reproduzir em sua totalidade a idéia do texto original;
- 2) o estilo da tradução deve ser o mesmo do original; e
- 3) a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do texto original

Arrojo mostra as limitações dessa teoria ao analisar o livro de Borges *Pierre Menard, autor do Quixote*. O escritor argentino mostra a possibilidade de uma linguagem universal que não fosse arbitrária e que, portanto, não dependesse dos caprichos da interpretação: cada palavra teria um significado fixo e único, independentemente de qualquer contexto. Borges explica que o objetivo de Menard era buscar a totalidade, a interpretação total, o controle total sobre o texto. Esse projeto de Menard reflete uma teoria da tradução semelhante à de Catford e

Nida, pois parte de uma teoria da linguagem que autoriza a possibilidade de determinar e delimitar o significado de uma palavra, ou mesmo de um texto, fora do contexto em que é lida ou ouvida. Arrojo critica esse posicionamento frente ao texto, pois traduzir não pode ser simplesmente o transportar, ou transferir, significados estáveis de uma língua para outra, porque o próprio significado de uma palavra ou de um texto, na língua de partida somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura. Sabe-se que o que acontece não é uma transferência total de significado, porque o próprio significado do original não é fixo ou estável e depende do contexto em que ocorre.

Através dessa reflexão, percebe-se que a tradução é uma atividade produtora de sentidos; é um trabalho tão complexo como o do escritor de textos originais. O processo tradutório envolve o domínio das línguas e necessariamente a aprendizagem de como se lê um texto. Aprender a ler significa aprender a produzir sentidos, a partir de um determinado texto, que sejam aceitáveis para a comunidade cultural da qual participa o leitor. Vê-se, então, a grande responsabilidade do tradutor perante o texto (e o autor) que traduz e perante o público para quem traduz, pois cada tradução exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único, já que suas variáveis são imprevisíveis e seus sentidos diversos. Nota-se que o texto é repleto de polifonia e cabe ao tradutor perceber seu valor argumentativo. A perspectiva teórica de que um enunciado possui vários enunciadores que argumentam e que constroem sentido é estudada por Oswald Ducrot e será abordada a seguir.

## **2 2 Polifonia de sentidos na teoria de Oswald Ducrot**

Ducrot, no capítulo *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação* (1984/1987) que está no livro *O dizer e o dito* e no capítulo *A polifonia en lingüística* do livro *Polifonia y Argumentación* (1988), contesta a unicidade do sujeito falante e também a idéia de que cada enunciado possui um e somente um autor.

Essa teoria surgiu nos estudos lingüísticos a partir de Bakhtin e seu conceito de polifonia. Para esse filósofo, todo texto literário possui várias vozes que falam simultaneamente, sem que uma se sobreponha à outra. Bakhtin denominou essa literatura de carnavalesca e a define como mascarada, em que o autor assume uma série de máscaras diferentes. O sentido de um enunciado é formado pela descrição de sua enunciação, ou seja, por indicações argumentativas que o enunciado apresenta, no seu próprio sentido, sobre a enunciação. Percebe-se, então, que a enunciação é constitutiva do sentido dos enunciados. Ela atribui à enunciação um ou vários sujeitos que seriam a sua origem. Esses sujeitos apresentam três tipos de personagens: os enunciadores, os locutores e os sujeitos empíricos.

Os locutores não se referem a uma voz coletiva, em que autores pretendem constituir uma só pessoa moral, falante de uma única voz. Em certos enunciados, os locutores formam a pluralidade de responsáveis distintos e irreduzíveis. Locutor é, então, alguém a quem se deve dar a responsabilidade pelo enunciado. As marcas de primeira pessoa, “eu”, estão caracterizadas nele. É importante ressaltar que o locutor, designado por eu, é distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor. Muitas vezes, o autor real tem pouca relação com o locutor, ou seja, com o ser apresentado no enunciado, como aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade pela ocorrência do enunciado. Nota-se, portanto, que a enunciação não contém nenhuma referência a uma pessoa que fosse seu autor, nem mesmo à pessoa a quem fosse endereçada. A enunciação é o surgimento do enunciado, a busca pelo sentido através da realização da frase, o objeto das qualificações contidas nos sentidos, não devendo ter necessariamente uma fonte e um alvo. A existência de uma fonte e de um alvo estão entre as qualificações que o sentido atribui (ou não) à enunciação. Em alguns casos, vê-se que uma enunciação atribuída a um locutor, pode ser dirigida a outro. No exemplo *João me disse: eu virei*, ocorrem duas marcas de primeira pessoa que remetem a dois seres diferentes. Um único enunciado apresenta o primeiro locutor sendo atribuído a Pedro e o segundo a João. Assim, uma parte de um enunciado relacionado globalmente a um primeiro locutor pode estar relacionada a um segundo locutor, caracterizando a pluralidade do eu.

Nota-se, então, que o sentido do enunciado implica dois locutores distintos, eventualmente subordinados. Do ponto de vista empírico, a enunciação é ação de um único sujeito falante, porém a imagem que o enunciado dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia de falas. Distingue-se, portanto, a função do locutor e a do sujeito falante. Esse é um elemento da experiência e aquele uma ficção discursiva. Outra diferença importante para definir claramente quem é o produtor de sentidos é a noção de “locutor enquanto tal” (L) e o locutor enquanto ser do mundo ( $\lambda$ ). L é responsável pela enunciação, assumindo essa propriedade.  $\lambda$  é uma pessoa completa, que possui, entre outras propriedades, a de ser origem do enunciado - o que não impossibilita L e  $\lambda$ , de se posicionarem como seres do discurso. L é o locutor em seu engajamento enunciativo e  $\lambda$  é o ser do mundo.

Para exemplificar, Ducrot utiliza o verbo *desejar* da fórmula *Eu desejo*, em que é utilizada primeiro uma asserção de ordem psicológica e, por isso, o sujeito, o pronome *eu* remete a  $\lambda$ : não é enquanto locutor que se experimenta o desejo, mas enquanto ser do mundo, e independentemente da asserção que se faz dele. Contrariamente, o ato de desejar, que não existe senão na fala em que se realiza, pertence tipicamente a L: L realiza o ato de desejar afirmando que  $\lambda$  deseja. Percebe-se que os performativos explícitos apresentam asserções sobre

$\lambda$  e que elas são utilizadas para mostrar as modalidades segundo as quais a enunciação é considerada por L. A existência de dois locutores distintos em caso de dupla enunciação - fenômeno possível pelo fato de que o locutor é um ser de discurso, participando dessa imagem da enunciação fornecida pelo enunciado.

Em relação à negação, Ducrot recorre à distinção do locutor e do enunciador. Apresenta-se um enunciado declarativo negativo *Pedro não é gentil*, como a apresentação de dois atos ilocutórios distintos. O primeiro, A1, é uma asserção positiva relativa à gentileza de Pedro, o outro, A2, é uma recusa do A1. Certamente, A1 e A2 não possuem o mesmo autor. O enunciador de A2 é assimilado ao locutor, e o de A1 a uma personagem diferente do locutor, que pode ser tanto o alocutário como um terceiro. O locutor L assume a responsabilidade do enunciado *Pedro não é gentil*, coloca um enunciador E1 que sustenta que Pedro é gentil, e um outro, E2, ao qual L é habitualmente assimilado, que se opõe a E1. A1 e A2 são, portanto, pontos de vista opostos. Vê-se que a enunciação assume o choque de duas idéias antagônicas, uma positiva imputada a um enunciador E1, a outra, que é uma recusa da primeira, imputada a E2. Ducrot afirma que há dois tipos de negação, a negação polifônica e a negação descritiva. A negação descritiva serve para representar um estado de coisas, sem que seu autor apresente sua fala como se opondo a um discurso contrário.

Ducrot apresenta também o caso da conjunção *mas*, em que *o primeiro segmento (p) é apresentado como um argumento para uma certa conclusão (r), e o segundo para a conclusão inversa*. No exemplo, *o tempo está bom, devemos ir esquiar*, há dois enunciadores sucessivos, E1 e E2, que argumentam em sentidos opostos, o locutor se assimilando a E2, e assimilando seu alocutário a E1.

O conceito de polifonia também integra a pressuposição. No exemplo, *Pedro parou de fumar*, o locutor realiza dois atos, um de pressuposição, relativo ao pressuposto *Pedro fumava anteriormente* e outro de asserção relativo ao posto *Pedro não fuma atualmente*. Esse enunciado apresenta dois enunciadores, E1 e E2, responsáveis pelos conteúdos pressuposto e posto. O E2 é assimilado ao locutor, o que possibilita a realização de um ato de afirmação. E1, aquele segundo o qual Pedro fumava anteriormente, apresenta uma voz coletiva no interior da qual o locutor está localizado.

Com esses exemplos polifônicos, Ducrot afirma que a fala é dada a diferentes enunciadores, alargando a noção de ato de linguagem. Considerando a pressuposição, diferencia-se o locutor (L) e o ser do mundo ( $\lambda$ ). No caso de pressuposições, assimila-se um dos enunciadores a uma indeterminação, em que o locutor está localizado. A pressuposição, dessa forma, assume a responsabilidade de um ponto de vista.

Nota-se que a tradução e a polifonia mostram a noção de sentido e como ele é visto a partir de diferentes enunciadores. Ducrot, ao lançar a noção de polifonia, a define como constitutiva da linguagem, provedora de um enunciador argumentador que apresenta o ponto de vista do dito e do não-dito. Percebe-se, simultaneamente, que o tradutor, ao construir sentidos, escolhe marcas lingüísticas para definir seu olhar sobre o discurso. E o exercício de análise mostrará como isso ocorre na prática. Antes da análise, a seção *Metodologia* explica como foram obtidos os dados para a realização do estudo.

### 3 Metodologia

Para exemplificar a contribuição da teoria de Oswald Ducrot à reflexão sobre tradução, mostra-se uma breve análise a partir de J.L. Austin *How to do things with words*, que apresenta novas perspectivas na filosofia da linguagem, pois estuda a teoria dos atos de fala, ou seja, a pragmática. O corpus deste estudo traz a tradução oficial (*Quando dizer é fazer – Palavras e Ação*) do professor Danilo Marcondes de Souza Filho e traduções oriundas de profissionais da Região Metropolitana. Para preservar as identidades dos tradutores, utilizam-se as siglas T2 (tradutor 2) e T3 (tradutor 3).

Para a composição desse corpus foram selecionados nove enunciados que constam no primeiro capítulo do livro *How to do things with words: Performatives and Constatives*. Eles foram escolhidos por causa dos sentidos polifônicos, caracterizados pela presença do enunciador e do argumentador, originários de pontos de vista do dito e do não dito. Segue-se a análise que traz concomitantemente a teoria da polifonia de Oswald Ducrot e as traduções. Dessa forma, pergunta-se: A polifonia foi compreendida pelo tradutor na língua fonte e recuperada na língua alvo? Aos poucos, através dos enunciados, essa questão será respondida.

### 4 Análise

Para a realização da análise, mostra-se um quadro com os enunciados em língua inglesa. e suas respectivas traduções. Para facilitar a leitura do público leitor, a polifonia está marcada em negrito.

#### Enunciado 1

<i>Tradução um</i>	<i>Tradução dois</i>	<i>Tradução três</i>	<i>Tradução quatro</i>
J. L. Austin	Danilo M. de S. Filho	Tradutor 2	Tradutor 3
What I shall have to say here is <b>neither</b> difficult <b>nor</b>	O que tenho a dizer <b>não</b> é difícil, nem polêmico. O	O que terei a dizer aqui <b>não</b> é difícil, <b>nem</b> controverso,o	O que direi aqui <b>não</b> é difícil <b>nem</b> polêmico; o <b>único</b>

contentious; the <b>only</b> merit I should like to claim for it is that of being true, <b>at least in parts.</b>	<b>único</b> mérito que gostaria de reivindicar para esta exposição é o fato de ser verdadeira <b>pelo menos em parte.</b>	<b>único</b> mérito que desejo obter por minhas palavras é o de ser verdadeiro, <b>ao menos em parte.</b>	mérito que gostaria de reivindicar é o de estar falando a verdade, <b>pelo menos em parte.</b>
---	--	---	--

Esse é o primeiro enunciado do capítulo 1. Na língua fonte, percebe-se a polifonia, caracterizada pela presença da negação. O dizer e o dito também se correlacionam. Quando o locutor nega, têm-se dois enunciadores: E1 – que expressa o ponto de vista de P – *What I shall have to say here is difficult and contentious; there are more merits than just only one.* O segundo ponto de vista E2 representa uma recusa desse ponto de vista, sendo o enunciado negativo um tipo de diálogo entre dois enunciadores que se opõem um ao outro: E2 - *What I shall have to say here is neg difficult and neg contentious and Neg - there are more merits than just only one.* Nota-se, então, que o locutor se identifica com o enunciador 2. Percebe-se também que nas traduções a polifonia é mantida, através da expressão *não* e *nem*. Dessa forma, verifica-se nas três traduções o traço polifônico: E1 – tem-se algo difícil e polêmico a ser dito e E2 – Neg se tem algo difícil e polêmico a ser dito, sendo que o locutor também se identifica com o enunciador 2. Em nenhum momento, os tradutores pensaram em tornar a asserção positiva. Nota-se, então que, nesse caso, o sentido foi mantido, as vozes na língua fonte foram mantidas na língua alvo.

Outra forma de polifonia se encontra a seguir: *the only merit I should like to claim for it is that of being true, at least in parts.* A palavra *only* apresenta dois enunciadores: E1 – *there are many merits to be considered*; E2 – *BUT just only one of them I should like to claim for it is that of being true.* A expressão *at least in parts* também apresenta dois enunciadores: E1 – *there are parts of the exposition that are not true.* E2 - *there are parts of the exposition that are true.* Verifica-se, dessa forma, que o locutor se identifica com o enunciador 2.

Percebe-se que, nas traduções, a polifonia foi mantida na expressão *o único mérito*, que apresenta dois enunciadores: E1 – há outros méritos; E2 - somente um mérito será estudado. *Pelo menos em parte/ ao menos em parte* também mantém a polifonia: E1 - há partes da exposição que podem não ser verdadeiras e E2 - há partes que são verdadeiras e serão estudadas. É com esse enunciador E2 que o locutor se identifica. Nota-se que, no enunciado 1, o jogo polifônico foi mantido pelos tradutores.

**Enunciado 2**

<i>Tradução um</i>	<i>Tradução dois</i>	<i>Tradução três</i>	<i>Tradução quatro</i>
J.L. Austin	Danilo M. de S. Filho	Tradutor 2	Tradutor 3
It is <b>not</b> surprising that beginnings have been piecemeal, with <i>parti pris</i> , and for extraneous aims; this is common with revolutions.	<b>Não</b> é de surpreender que o início tenha sido fragmentário, com <i>parti pris</i> e com motivos extrínsecos, já que isso é <b>comum</b> às revoluções.	<b>Não</b> é de se surpreender que o início foi gradual, com <i>parti pris</i> , e por razões alheias: isso é <b>comum</b> em revoluções.	<b>Não</b> é surpresa que os começos se dão aos poucos, com <i>parti pris</i> , e por objetivos externos; isso é <b>comum</b> nas revoluções.

Esse enunciado apresenta também o aspecto polifônico da negação: E1 – *It is surprising that beginnings have been piecemeal*; E2 – *Neg - it is surprising that beginnings have been piecemeal*, com o qual o locutor se identifica. Na língua fonte, essa negação remete à doutrina e ao método filosófico. Até essa parte do enunciado, a polifonia é mantida nas três traduções, e a segunda parte do enunciado também possui o sentido proposto no texto fonte: *with parti pris, and for extraneous aims; this is common with revolutions*. Na língua fonte, o adjetivo polifônico *extraneous* remete a algo que não faz parte desse início. Percebe-se, então, que a segunda parte é uma afirmação e seus enunciadores são os seguintes: E1 – *beginnings that are not piecemeal, do not have parti pris and extraneous aims are not characterized as revolutions*. E2 – *piecemeal beginnings with parti pris and extraneous aims are characteristics of revolutions*. Nota-se que, nas traduções, há os seguintes enunciadores: E1 – inícios que não são fragmentários/graduais/ começam aos poucos, com *parti pris* e nem *motivos extrínsecos/razões alheias/objetivos externos* são revoluções. E2 - inícios que são fragmentários/graduais/ começam aos poucos, apresentam *parti pris* e têm motivos extrínsecos/razões alheias/objetivos externos são características de revoluções. Vê-se que nos dois primeiros enunciados há o aspecto polifônico da negação, mas nesse exemplo, há uma maior diferença de sentido nos adjetivos.

**Enunciado 3**

<i>Tradução um</i>	<i>Tradução dois</i>	<i>Tradução três</i>	<i>Tradução quatro</i>

J.L. Austin	Danilo M. de S. Filho	Tradutor 2	Tradutor3
... all will have, as it happens, <b>humdrum</b> verbs in the first person singular present indicative active.	Todos terão, como é natural, verbos <b>usuais</b> na primeira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa.	...todos terão, como sempre, verbos <b>enfadonhos</b> na primeira pessoa do singular do presente do indicativo com voz ativa.	Tudo terá, como sempre acontece, <b>monótonos</b> verbos na primeira pessoa do singular do presente ativo do indicativo.

Conforme a teoria polifônica de Ducrot, as palavras orientam para uma determinada direção, dependendo do contexto. É importante ressaltar que esse contexto está dentro da língua, não é extralingüístico. Assim também acontece na tradução; é necessário buscar o sentido no texto, nas suas relações, não fora dele. Considerando o enunciado três, percebe-se que houve um desvio de sentido na tradução da palavra *humdrum* que qualifica *verbs*. A polifonia presente no verbo *humdrums* não foi mantida pelos tradutores, como se verifica no original: *all will have, as it happens, humdrum verbs in the first person singular present indicative active*. Assim, o enunciador é o seguinte: E1 – *there are verbs that are humdrum and they are in the first person singular present indicative active* e o locutor se identifica com esse enunciador, E2 - *there are not verbs that are not humdrum and they are not in the first person singular present indicative active*.

Acredita-se que essa não percepção da polifonia pelos tradutores tenha acontecido devido ao adjetivo *humdrums* traduzido oficialmente como usuais, em que o não dito implica não usuais. A teoria tradutória explica que, ao detectar uma palavra desconhecida na língua fonte, é necessário recorrer aos usos da língua alvo para adequar o sentido e não cometer erros. Nota-se que os tradutores 2 e 3 não utilizaram as teorias tradutórias para verificar se esses verbos existem na língua portuguesa. Ocorrem, portanto, desvios de sentido, sendo os *humdrums verbs* traduzidos como *enfadonhos e monótonos*. Sabe-se que, nesse enunciado, é o adjetivo que carrega todo o sentido e, de forma inadequada, os tradutores não perceberam seu caráter avaliativo. Algo ser classificado com *humdrum* na língua inglesa quer dizer que alguma coisa é usual. O tradutor 1 foi aquele que utilizou o adjetivo de forma mais apropriada e adequada ao texto.

**Enunciado 4**

<i>Tradução um</i>	<i>Tradução dois</i>	<i>Tradução três</i>	<i>Tradução quatro</i>
J.L.Austin	Danilo M. de S. Filho	Tradutor 2	Tradutor 3
But “operative” has other meanings, and <b>indeed</b> is often used nowadays to mean <b>a little more than</b> “important”.	Mas “operativo” tem outros significados, e hoje é <b>até mesmo</b> usado para significar <b>quase</b> a mesma coisa que “eficaz”.	Porém, “operativo” possui outros significados, e <b>de fato</b> é usado com frequência nos dias de hoje com um significado um <b>pouco superior</b> a “importante”.	Mas “operativo” possui outros significados, e é <b>com certeza</b> utilizado com frequência hoje em dia para significar <b>um pouco mais do que</b> “importante”.

Na língua fonte, a conjunção *but* está ligada à frase anterior que afirma: *One technical term that comes nearest to what we need is perhaps ‘operative’, as it is used strictly by lawyers in referring to that part, i.e. those clauses, of an instrument which serves to effect the transaction which is its main object, whereas the rest of document merely recites the circumstances in which the transaction is to be effected.* Os enunciadores, no original, são os seguintes: E1 – *lawyers uses the term operative in order to refer the transaction.* E2 – *it has the idea that operative has other meanings, and is used nowadays as a little more than important.*

Percebe-se que nesse enunciado, o locutor afirma que o E1 tem a idéia de que o operativo é usado pelos advogados para efetuar uma transação. O E2 contraria essa idéia e acredita que o operativo tem outros significados e hoje é até mesmo usado para significar quase a mesma coisa que eficaz. Ou seja, o operativo não era usado para significar quase a mesma coisa que eficaz, mas hoje ele possui esse sentido. É com esse ponto de vista que o locutor se identifica. Conforme Ducrot, essa instrução busca uma determinada conclusão. Assim, o sentido do enunciado se produz quando se obedecem as indicações dadas pela significação. Os tradutores seguiram essa instrução dada pela conjunção *but*. Já a segunda frase do enunciado apresenta três traduções diferentes. Nota-se que Danilo Filho conecta o segundo enunciado com o primeiro, aí está a polifonia.

Já o tradutor 2, na segunda parte da frase apenas enfatiza como o operativo é utilizado. Ao definir o operativo com um significado *um pouco superior a importante*, percebe-se a polifonia. Na tradução de Danilo, ele não chega a ser totalmente eficaz, enquanto nessa tradução, ele tem o sentido de ser *um pouco mais importante*. Um operativo ser eficaz e ser importante demonstram duas qualidades totalmente distintas. Diferentemente, o tradutor 3 tem convicção de que o operativo tem outros significados ( com certeza), e concorda com o tradutor 2 ao defini-lo como tendo a qualidade de ser um pouco mais que importante. Nota-se a pluralidade de vozes por causa da argumentação, a subjetividade e a intersubjetividade interagindo, um eu falando com um tu, criando relações e sentidos.

### Enunciado 5

<i>Tradução um</i>	<i>Tradução dois</i>	<i>Tradução três</i>	<i>Tradução quatro</i>
J.L. Austin	Danilo M. de S. Filho	Tradutor 2	Tradutor 3
Such a doctrine sounds odd or even <b>flippant</b> at first, <b>but</b> with sufficient safeguards it may become not odd at all.	Tal doutrina poderia, a princípio, parecer <b>estranha</b> e até mesmo impertinente, <b>mas</b> com as precauções necessárias pode deixar de causar estranheza.	Tal doutrina soa estranha ou mesmo <b>leviana</b> a princípio; <b>mas</b> , com ressalvas o suficiente, ela pode não ser nada estranha.	Tal doutrina soa estranha ou até mesmo <b>irreverente</b> a princípio, <b>mas</b> com garantias suficientes pode tornar-se completamente adequada.

Verifica-se que na língua fonte, esse enunciado retoma a pergunta *Can saying make it so?* Nota-se que tanto no enunciado em inglês como aqueles em português, há quatro enunciadores: E1 - que tem como ponto de vista que a doutrina parece estranha e impertinente/leviana/irreverente, E2 - que justifica a doutrina parecer estranha e impertinente/leviana/irreverente, E3 - que afirma que com as precauções/ressalvas/garantias, a doutrina deixa de causar estranheza/não é nada estranha/torna-se adequada e o E4 - que conclui que, a partir das precauções, a doutrina não parece estranha. Verifica-se que os quatro enunciadores apresentam características da polifonia: têm-se um locutor e vários enunciadores, construtores de sentido. As traduções um e três deixaram a marca da negatividade, e o **Letrônica**, Porto Alegre v.1, n.1, p. 108, dez. 2008.

implícito de que a doutrina causava estranheza (E1). E2 representa neg - estranheza. No enunciado da tradução dois há a negatividade implícita (deixar de causar estranheza), enquanto que a tradução quatro retira a negativa e a transforma em positiva. Apesar dessas diferenças, os quatro enunciadores estão presentes e formam sentidos. A adjetivação distinta de *flippant* (impertinente, leviana, irreverente) mostra que o tradutor três transgride o conceito de significação de Ducrot, pois assume o sentido literal. Danilo e o tradutor dois foram direcionados pelas palavras, articulando a língua e seu uso.

### Enunciado 6

<i>Tradução um</i>	<i>Tradução dois</i>	<i>Tradução três</i>	<i>Tradução quatro</i>
J.L.Austin	Danilo M. de S. Filho	Tradutor 2	Tradutor 3
But we may, in objecting, have something totally different, and this time quite mistaken in mind, especially then we think some of the more <b>awe-inspiring</b> performatives	Mas podemos, ao fazer uma objeção, ter em mente algo totalmente diferente e desta vez equivocado, especialmente quando pensamos em alguns dos performativos <b>mais solenes</b>	No entanto, ao fazermos objeções, podemos ter em mente algo totalmente diferente, e dessa vez bastante equivocado, principalmente quando pensarmos em alguns dos performativos <b>mais surpreendentes</b>	Mas podemos, em objeção, ter algo completamente diferente, e dessa vez totalmente equivocado em mente, sobretudo então, nós pensamos em alguns dos <b>mais espantosos</b> performativos

No enunciado-fonte, a conjunção *but* opõe-se ao enunciado anterior: *The action may be performed in ways other than by a performative utterance, and in any case the circumstances, including other actions, must be appropriate*. Percebe-se que, novamente, as diferenças nas traduções se encontram nos sentidos que foram dados aos adjetivos. No enunciado-fonte, *awe-aspiring performatives* significa obter uma posição de destaque. O tradutor oficial da obra de Austin conseguiu captar esse sentido, enquanto o tradutor três apresentou um desvio de sentido que compromete o restante do enunciado, pois se deteve no sentido literal e não na língua em uso. Já a tradução dois é possível, mas ela desvia um pouco a idéia de importância referida no enunciado fonte, porque o adjetivo *surpreendente*, apesar de não apresentar um sentido literal, **Letrônica**, Porto Alegre v.1, n.1, p. 109, dez. 2008.

não conseguiu captar o sentido apropriado ao contexto. Nota-se que o adjetivo *awe-aspiring* é um termo polifônico, e apresenta caráter avaliativo de todo o enunciado. Conforme a teoria da tradução, cabe ao tradutor ter conhecimento das duas línguas e saber captar o sentido no contexto e nas relações entre palavras, frase e parágrafos, constitutivos de um texto.

### Enunciado 7

<i>Tradução um</i>	<i>Tradução dois</i>	<i>Tradução três</i>	<i>Tradução quatro</i>
J.L. Austin	Danilo M. de S. Filho	Tradutor 2	Tradutor 3
But we are apt to have a feeling that their being serious consists in their <b>being uttered</b> as (merely) the outward and visible <b>sign</b> , for convenience or other record or for information, of an inward and spiritual act.	Mas temos a tendência a pensar que a seriedade das palavras advém de seu <b>proferimento</b> como (um mero) <b>sinal</b> externo e visível, seja por conveniência ou outro motivo, seja para fins de informação, de um ato interior e espiritual	Mas estamos inclinados a ter uma sensação de que o fato de serem sérios consiste em serem <b>proferidos</b> como (meramente) o <b>signo</b> externo e visível, por conveniência ou outro registro ou por informação, de um ato interno e espiritual.	Mas estamos aptos a ter um sentimento que, sendo sério, consiste em ser <b>enunciado</b> como (meramente) o <b>signo</b> visível e exterior, por conveniência ou outro registro ou para informação, de um ato espiritual e interior.

Nesses enunciados, há uma diferença da tradução 3 em relação à tradução 2 e a oficial no termo *being uttered*, que significa o ato de proferir, de fazer um proferimento. O tradutor 3, ao definir *being uttered* como *enunciado* não usa a instrução (o interpretante de um enunciado deve buscar na situação de discurso um tipo de informação de modo a reconstruir o sentido visado pelo L) oferecida pelo enunciado, transgredindo a significação, pois assume o sentido literal, posicionamento inaceitável para Ducrot, já que para ele o sentido preexiste ao enunciado. Outro sentido modificado pelos tradutores 2 e 3 refere-se à tradução da palavra *sign*. A teoria da tradução pode explicar por que eles traduziram-na como *signo* e não como sinal, que é a forma mais apropriada. Arrojo afirma que todo tradutor, antes de traduzir, é um leitor e cabe a ele captar o sentido mais adequado de acordo com a sua leitura. Além do **Letrônica**, Porto Alegre v.1, n.1, p. 110, dez. 2008.

conhecimento das duas línguas, o tradutor necessita ter o espírito pesquisador, para não cometer desvios de sentido. A polifonia não foi percebida pelos tradutores 2 e 3, somente pelo tradutor oficial.

### Enunciado 8

<i>Tradução um</i>	<i>Tradução dois</i>	<i>Tradução três</i>	<i>Tradução quatro</i>
J.L. Austin	Danilo M. de S. Filho	Tradutor 2	Tradutor 3
In no case do we say that the <b>utterance</b> was false <b>but</b> rather that the <b>utterance</b> – or rather the act, e.g. – the promise- was void, or given in bad faith, or not implemented, or the like.	Nunca dissemos que o <b>proferimento</b> era falso, <b>mas</b> sim o <b>proferimento</b> – ou melhor, o ato, isto é, a promessa, - foi vã, ou feita de má-fé, ou não foi levada a cabo, ou coisa semelhante.	Não dizemos em circunstância alguma que a <b>elocução</b> foi falsa, <b>mas</b> sim que a <b>elocução</b> – ou melhor, o ato; por exemplo, a promessa – foi vazia, ou feita de má-fé, ou não foi implementada, ou algo similar.	Em hipótese alguma diremos que o <b>enunciado</b> era falso, <b>mas</b> antes que o <b>enunciado</b> - ou antes o ato, por exemplo-, a promessa - era vazia ou feita de má-fé ou incompleta ou semelhante.

Percebe-se que nesse enunciado há a negação e a oposição explicadas por Ducrot na *Polifonia e Argumentação* (1988) e *O dizer e o dito* (1984/1987). O locutor, ao apresentar o enunciado, mostra quatro enunciadores: E1 – *the utterance was false*, E2 – *neg the utterance was false*, E3 – *but the utterance was void, or given in bad faith, or not implemented, or the like* E4 – *the fact that the utterance was not false, give the idea that it is void and so on*.

Nota-se que em português já há a mudança de sentido do substantivo *utterance*: *proferimento, elocução, enunciado*. Percebe-se que há dificuldade de perceber nuances de sentido, pois cada tradutor o interpretou como meio de previsão de efeito de sentido. Assim, essa palavra é responsável pelo sentido global do enunciado. Nesse caso, percebem-se os diferentes valores argumentativos presentes. A tradução mais adequada aqui é *proferimento*; os outros desvios de sentido ocorrem devido à dificuldade do tradutor de perceber o sentido no uso, a polifonia. Nesse caso, o lingüístico buscará uma informação no contexto extralingüístico

**Letrônica**, Porto Alegre v.1, n.1, p. 111, dez. 2008.

para obter o sentido “preciso”. Sabe-se que Austin não analisa o enunciado, quem o faz são as teorias da enunciação e os linguistas como Ducrot, Benveniste, Bakhtin. Austin estuda os atos de fala, por isso *utterance* deve ser traduzido por *proferimento*.

### Enunciado 9

<i>Tradução um</i>	<i>Tradução dois</i>	<i>Tradução três</i>	<i>Tradução quatro</i>
J.L.Austin	Danilo M. de S. Filho	Tradutor 2	Tradutor 3
His utterance is perhaps misleading probably deceitful and doubtless wrong, <b>but</b> it is not a lie or a <b>misstatement.</b>	O proferimento talvez seja desorientador, provavelmente fraudulento e sem dúvida incorreto, <b>mas</b> não é uma mentira nem um <b>engano.</b>	Sua elocução é talvez enganosa, provavelmente dolosa e sem dúvida equivocada, <b>mas</b> não é uma mentira nem uma <b>declaração falsa.</b>	Seu enunciado é, talvez mal direcionado, provavelmente enganador e sem dúvida, errado, <b>mas</b> não é uma mentira ou uma <b>inverdade.</b>

Nesse último enunciado verifica-se que as diferenças de tradução de *utterance* se perpetuam. Percebe-se que aqui também há quatro enunciadores: E1 – the utterance could be misleading, doubtless and wrong E2 – agrees with this position, E3- disagrees with this position and says that the utterance is not a lie or a misstatement. E4 – agree with the position of E3. Dentro desse enunciado, também há um outro composto pela negação em que o locutor forma dois enunciadores: E1 – the utterance is a lie; E2- neg utterance is a lie.

Ainda nesse enunciado, verifica-se a diferença de sentido de *misstatement*: *engano*, *declaração falsa e inverdade*. Isso ocorre porque as palavras estão carregadas de sentido, e para cada tradutor há uma noção de relação e a criação de um ponto de vista.

### 5 Resultados e perspectivas

A partir dessas análises, conclui-se que a tradução é a recuperação do sentido construído no enunciado pela língua-fonte, sua polifonia, e não seu sentido literal. Nota-se, portanto, a partir desse estudo que o processo tradutório apresenta sentidos polifônicos, mas

muitas vezes o tradutor não consegue observar esse fenômeno, somente o sentido literal, provocando mudanças de sentido significativas nas traduções.

Argumentar e traduzir, a partir dessa perspectiva, é produzir sentido. E esse sentido na tradução não ocorre como um processo de transferência ou substituição, em que há significados estáveis de uma língua para outra, porque o próprio significado de uma palavra ou de um texto, na língua de partida, somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura. Não há significado fixo ou estável, mesmo no texto fonte, pois ele depende do contexto em que ocorre. Traduzir é recuperar a língua no seu uso, e a partir das relações, criar enunciados para formar um sentido, resgatando a polifonia.

Constata-se que há a possibilidade de refletir sobre o ato tradutório a partir da teoria da polifonia e da argumentação de Oswald Ducrot, pois os enunciadores e argumentadores revelam os processos de sentido que apresentam uma pluralidade de vozes. Dessa forma, sabe-se que o sentido literal não contribui com o ofício do tradutor, apenas o confunde. Cabe a ele buscar a língua no uso, pois assim, tem-se uma forma enriquecedora de recuperar sentidos.

### **Referências**

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução – A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. 2ªed. New York: Oxford University Press, 1962.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer – Palavras e Ação*. Trad. de Danilo Marcondes Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BORBA, Maria Cristina Schleder de. Translation and textual manipulation. IN: *Artexto: Revista de Departamento de Letras e Artes*. V.11, Rio Grande: Editora da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1984.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. *Polifonia y Argumentacion*. Trad. Ana Beatriz Campo e Emma Rodriguez C. Universidad de Cali, 1988.

OTTONI, Paulo Roberto. Algumas considerações sobre a teoria polifônica e o fenômeno da tradução. IN: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. V.19, Campinas, SP, 1992.

VIÉGAS-FARIA, Beatriz. A semântica argumentativa e a pragmática lingüística nas bases de um Oficina de Tradução Literária. IN: *Letras de Hoje – Estudos sobre enunciação, texto e discurso*. V.36, nº4. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.